ESTADOS UNIDOS

Majoritária nas duas casas do Congresso a partir de janeiro, a oposição democrata começa a traçar o caminho para enquadrar Donald Trump e reconquistar a presidência nas eleições de 2028. Agenda interna tende a dominar o cenário

O alvo é a Casa Branca

» SILVIO QUEIROZ

Brendan SMIALOWSKI/AFP



O presidente enfrenta os jornalistas: nos próximos dois anos, exercício de habilidade na convivência com amplas maiorias de oposição nas duas casas do Legislativo

Do alto da maior bancada eleita para a Câmara dos Deputados desde que elegeu como presidente Bill Clinton, em 1992, o Partido Democrata se antecipa à próxima legislatura e traça o mapa para retomar a Casa Branca em 2028. Com ao menos 259 dos 435 deputados e 56 dos 100 senadores, a oposição nos Estados Unidos começa pela organização de um calendário para debates entre os possíveis candidatos à disputa da sucessão de Donald Trump, daqui a dois anos — quando o republicano estará impedido pela Constituição a postular mais um mandato.

Na campanha para as legislativas do último dia 3, os democratas surfaram a onda favorável da rejeição de dois terços dos norte-americanos ao presidente. Conquistaram maiorias sólidas para ditar a agenda política de Washington nos dois anos. Agora, porém, não apenas estão chamados a mostrar-se capazes de apresentar alternativas viáveis para enfrentar — desde já — problemas como a inflação e a alta do custo de vida. Terão de enfrentar os próprios demônios, expressos na representativa ascensão de sua corrente mais à esquerda, que governa hoje as duas maiores cidades do país, Nova York e Los Angeles.

"Passamos à ofensiva após nossas vitórias históricas nas eleições de meio de mandato, e o Comitê Nacional Democrata (DNC, em inglês) mantém a pressão tendo em vista o pleito de 2028", declarou o presidente do partido, Ken Martin. Os pré-candidatos farão 12 debates, começando em junho de 2027 e terminando em março de 2028, já no início das eleições primárias que definirão a chapa para a eleição de novembro. Desde já, frequentam as listas arriscadas pela imprensa norte-americana nomes como os de Gavin Newsom, governador da Califórnia; Josh Shapiro, governador da Pensilvânia; e Andy Beshear, governador de Kentucky.

O professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, analisou para o **Correio** os primeiros passos da corrida sucessória, antecipada pelo fracasso histórico de Trump e do Partido Republicano nas urnas, no início do mês. "O Partido Democrata está unido na oposição a Donald Trump, mas isso não significa que esteja unido em torno de um projeto político para 2028", observou. "Demonstrou capacidade de mobilização diante do desgaste do governo, especialmente em relação à economia e ao custo de vida, mas a disputa presidencial deverá evidenciar divergências sobre o caminho a seguir: recuperar o eleitorado de centro ou aprofundar uma agenda mais progressista."

> **Passamos à ofensiva após nossas vitórias históricas nas eleições de meio de mandato, e o Comitê Nacional Democrata mantém a pressão tendo em vista o pleito de 2028"**
>
> ***Ken Martin,*** *presidente do Partido Democrata*

> **O Partido Democrata está unido na oposição a Donald Trump, mas isso não significa que esteja unido em torno de um projeto político para 2028"**
>
> ***Gunther Rudzit,*** *professor de relações internacionais da ESPM"*

Maré à esquerda

Entra como uma cunha, dividindo os democratas, os sucessos em série obtidos, desde as prévias partidárias para as eleições legislativas, pela ala esquerda do partido, em especial os Socialistas Democráticos da América (DSA, em inglês). Às figuras de proa da corrente, como o senador Bernie Sanders e a deputada Alexandria Ocasio-Cortez, somaram-se recentemente o prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, e, agora, a prefeita eleita de Los Angeles, Nithya Raman. Foram desafiantes identificados com o DSA os responsáveis pela tomada de numerosas cadeiras na Câmara, em especial em estados do sul, historicamente republicanos.

"Essa corrente tem conseguido mobilizar setores do eleitorado em torno de questões como desigualdade, habitação, saúde e custo de vida, ao mesmo tempo que questiona as lideranças tradicionais do partido", aponta o professor da ESPM. "Entretanto, é necessário distinguir o sucesso em disputas locais e primárias da capacidade de construir uma candidatura presidencial com apoio nacional", pondera. Rudzit lembra que representantes do setor moderado também tiveram vitórias cruciais para os democratas: "Para 2028, a questão será como as diferentes correntes disputarão a agenda econômica e social do partido, sem necessariamente compartilhar a mesma estratégia eleitoral".

Foco doméstico

Os primeiros movimentos da Casa Branca e da maioria republicana no Congresso em fim de legislatura sugerem que Trump e seu entorno captaram a mensagem principal das urnas: que a situação cotidiana se impõe sobre considerações ideológicas, expressas na volúpia com que o presidente se envolveu em jogadas de alto risco na frente externa — mais do que todas, a guerra que iniciou contra o Irã, a quase 10 meses, sem resultados aparentes.

"A economia deverá ocupar o centro da disputa política, porque foi um dos fatores decisivos para o resultado das eleições legislativas", arrisca o estudioso da ESPM. "Os democratas procurarão transformar a insatisfação com o custo de vida em propostas relacionadas à saúde, habitação e preços ao consumidor, ao mesmo tempo em que utilizarão as maiorias para ampliar a fiscalização do governo."

Rudzit lembra, porém, que, mesmo derrotado de maneira cristalina, Trump continuará detendo poderes executivos pelos próximos dois anos. "Ele continuará tendo instrumentos importantes de poder, mesmo diante de um Congresso controlado pelos democratas, e o veto presidencial é um deles, já que sua derrubada exige maioria de dois terços nas duas Casas", explica. "Além disso, os temas internos não estão separados da política externa: as tarifas comerciais, a competição tecnológica com a China e os custos da guerra contra o Irã têm consequências para a economia americana."

Na avaliação das idas e vindas em perspectiva, o professor da ESPM espera ver "não necessariamente um presidente paralisado, mas um governo dividido" entre a negociação e as quedas de braço. "A questão central é até que ponto Trump estará disposto a negociar, ou se continuará privilegiando o exercício unilateral do poder presidencial."

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Ucrânia escala conflito e ataca Rússia na Líbia

» RODRIGO CRAVEIRO

Vantor/AFP



Imagem de satélite mostra embarcação russa destruída no porto de Benghazi, após ser atingida por drones navais

Pela primeira vez desde o iníco do conflito, em 24 de feveiro de 2022, a Ucrânia golpeou a Rússia a cerca de 2,2 mil quilômetros de seu território. Sete drones ucranianos afundaram a corveta Mercúrio, um das mais novas embarcações da frota russa, e danificaram o navio MV Ancara, suspeito de transportar armamentos. O duplo ataque foi confirmado pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, que divulgou o vídeo da operação em seu perfil na rede social X.

"Foi uma operação ucraniana exemplar, em resposta à guerra da Rússia. Agradeço aos combatentes do Serviço de Segurança da Ucrânia e a todas as nossas Forças de Defesa da Ucrânia que participaram da execução destas tarefas. Recebi relatórios detalhados sobre as etapas da operação ontem (domingo) e hoje (segunda-feira). Os objetivos que estabelecemos foram alcançados", comemorou Zelensky, que prometeu seguir respondendo às "agressões russas". A escalada da guerra mostra a capacidade técnica de Kiev de impor golpes à Rússia mesmo fora do teatro de operações.

"A Rússia continuar a bombardear diariamente a Ucrânia e a matar civis. Os ataques na costa Líbia revelam que as forças ucranianias dispõem de capacidade técnica para realizar ofensivas graves à Rússia. Um exemplo foi a explosão de parte da Ponte Krech, na Península da Crimeia. A Ucrânia considera alvos militares os dois navios russos na Líbia", afirmou ao **Correio** Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla.

"Essas embarcações levavam armas para um conflito na Líbia e ampliavam a presença russa na África. Os bombardeios de domingo reforçam que a Ucrânia detém cartas na manga. É uma mensagem para que Donald Trump, presidente dos EUA, não subestime a Ucrânia. Não estamos perdendo a guerra. Temos recursos em potencial para seguir combatendo e não pararemos de lutar por nossa independência."

Controvérsia

Apesar de admitir a possibilidade de o ataque na Líbia ser controverso sob a ótica do direito marítimo, Haran destacou que a Rússia tem violado o princípio da navegação pacífica. "Moscou começou os ataques no Mar Negro, onde interrompeu a navegação comercial. O envio de grãos para o Sul Global foi prejudicado."

Diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev disse ao **Correio** que a operação na costa da África foi uma demonstração da habilidade da Ucrânia de resistir à guerra russa assimetricamente e expandir o teatro de operações para incluir o Mar Báltico e o litoral da Finlândia. "É um desdobramento bastante dramático, que envolve mais países. Sabemos que alguns cidadãos líbios morreram nos ataques. Isso pode desacelerar a máquina de guerra da Rússia, mas também levar a ações provocativas de Moscou."